PERINE, M. e COSTESKI, E. (Orgs.), *Violência, Educação e Globalização: compreender o nosso tempo com Eric Weil*, São Paulo, Loyola, 2016, 306 páginas, (Coleção Humanistas, v. 30).

António José Romera Valverde

Electronic version

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2640>

DOI: 10.4000/cultura.2640

ISSN: 2183-2021

Publisher

Centro de História da Cultura

Printed version

Date of publication: 1 December 2016

ISSN: 0870-4546

Electronic reference

António José Romera Valverde, « PERINE, M. e COSTESKI, E. (Orgs.), *Violência, Educação e Globalização: compreender o nosso tempo com Eric Weil*, São Paulo, Loyola, 2016, 306 páginas, (Coleção Humanistas, v. 30). », *Cultura* [Online], vol. 35 | 2016, Online since 09 March 2018, connection on 24 September 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2640> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.2640>

This text was automatically generated on 24 September 2020.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

PERINE, M. e COSTESKI, E. (Orgs.),
*Violência, Educação e Globalização:
compreender o nosso tempo com
Eric Weil*, São Paulo, Loyola, 2016,
306 páginas, (Coleção Humanistas, v.
30).

Antônio José Romera Valverde

REFERENCES

M. Perine, E. Costeski (orgs.), *Violência, Educação e Globalização: compreender o nosso tempo com Eric Weil*, São Paulo : Loyola (Coleção Humanistas ; v. 30), 306 pp.

AUTHOR'S NOTE

A “Introdução” do livro é assinada pelos organizadores Marcelo Perine e Evanildo Costeski, pp. 9-12. Patrice Canivez assina “A teoria weiliana da mundialização”, pp. 13-31; Jean Quillien, “Sociedade mundial e estado mundial segundo Eric Weil”, pp. 33-70; Giusi Strummiello, “Sociedade mundial / estado mundial. Eric Weil e a questão da universalidade dos direitos”, pp. 71-88; Evanildo Costeski, “Religião e relações internacionais em Erick Weil”, pp. 89-101; Luís Manuel A. Bernardo, “O Estado à prova dos novos discursos da Obra”, pp. 103-139; Sergio de Siqueira Camargo, “O Estado como instituição moral e educativa: traços do aristotelismo de Weil”, pp. 141-152; Francisco Valdério, “Os enredos do poder e a teoria”, pp. 153-169; Judikael Castelo Branco, “Democracia e linguagem”, pp. 171-189; Mahamadé Savadovo, “O sentido da oposição

entre razão e violência segundo Eric Weil”, pp. 191-201; Daniel Benevides Soares, “Mal radical e violência”, pp. 203-214; Aparecido de Assis, “Educação, razão e violência em Eric Weil”, pp. 215-228; Marly Carvalho Soares, “As atitudes niilistas em questão: a recusa do Absoluto”, pp. 229-248; Daniel da F. Lins Júnior, “Lógica da filosofia: sagrado, violência e sentido”, pp. 249-262; Andrea Vestrucci, “O que é sentido? Nas pegadas de Eric Weil”, pp. 263- 286, e, fechando o volume, Marcelo Perine, “Platônicos sem mito e sem Deus”, pp. 287-306.

Para compreender o nosso tempo

- 1 *Compreender o nosso tempo*, eis a tarefa e a divisa da Filosofia contemporânea, que, desde Hegel, ao defini-lo como o movimento de transformar o tempo em conceito, mormente para a validade de tal preceito derivado ao tempo presente, se impôs como necessidade aos planos filosóficos da ética e da filosofia política, considerados saberes práticos. Assim, o título do livro em pauta aponta, certamente, para o cumprimento de tal tarefa. Fim que o livro cumpre, no detalhe. O mérito ímpar do livro é apresentar ao Leitor a oportunidade de pensar de modo maiúsculo os problemas políticos atuais, para além das formas cotidianas de fechamento do universo político, de par com o fechamento do universo de locução. Com efeito, termos essenciais da crítica política filosófica encontram-se (des)naturalizados, seja pela expansão semântica de tais termos, seja pelas manipulações dos meios de comunicação de massa a doutrinar em baixo relevo, na linha de padrões de linguagem totalitária elevada de fascismos ordinários, sobremaneira, acríticos e destrutivos das definições de termos, outrora fortes e significativos, como bem público, democracia, Estado. Quiçá tais fechamentos sejam resultantes da travessia de niilismos em curso e da voracidade das políticas estatais, sob a vaga do neoliberalismo.
- 2 Transformar o tempo em conceito tem sido tarefa complexa, pois envolve muitos elementos de várias ordens: histórica; social; econômica; filosófica; política, entendida como a grande política, além e aquém do Estado; estética; civilizacional; étnica; religiosa; jurídica; ética; moral e educacional... Todos estes aspectos aparecem mobilizados pelos diversos capítulos do livro, em busca de uma sinalização sintética a lançar luzes para a compreensão do alcance provável de tais enredos projetados e, no limite, de desenredos e de desconcertos realizados. Para o caso, há que demarcar os elementos pela inclusão temática da violência, como vetor e fator de desconcerto do índice de civilidade alcançado, ao menos do ponto de vista dos direitos fundamentais e das leis universais, que deveriam/devem garantir a expansão e a fixação de tais aquisições humanas, na linha do progresso moral proclamado pelos iluministas, tendo Kant como guia e arquiteto, pensador ressurgido como contraponto e primeira margem inserida ao debate proposto no desenvolvimento do livro. Sem prescindir das formulações de Hegel ao mesmo propósito. Segundo os autores do livro, há uma combinação evidenciada de que o pensamento weiliano costura em cerzido de alto nível teórico-prático as heranças kantianas e hegelianas, a mostrar que da compreensão de tais filósofos é possível saltar – em segurança – para a compreensão do tempo presente. Este salto dá-se utilizando categorias próprias dos filósofos, referidas ou não referidas, a amalgamar o pensamento weiliano, em chave de originalidade e de explicitação conceitual, de modo a favorecer a compreensão do *nosso tempo*. Contudo, há algumas

passagens de capítulos com referências ao pensamento aristotélico, seja para a abordagem política, seja para entornos éticos intransponíveis.

- 3 O problema político da violência, assunto caríssimo a Weil, sob a forma do terrorismo efetivado extramuros do jogo político institucional, aparece de modo ora latente ora tornado visível a circunscrever o panorama das discussões contemporâneas políticas levadas a termo, aparentemente, sob condição de descontinuidade de tal fenômeno. Isto, se o Estado fosse outro de outro desenho e constituição, acima e adiante do estado-nação, de caráter meramente concorrencial, e se fosse tomada em conta a organização mundial do trabalho, do trabalho público em vista do bem público, *bem entendido*. Talvez seja este o ponto de inflexão do pensamento de Weil, pois o mundo do trabalho, ao menos do trabalho formal tem cedido lugar ao desemprego estrutural, como observado nas sociedades pós-industriais avançadas e nos países em desenvolvimento. O mundo do trabalho formal viu-se condicionado pelo movimento de desindustrialização acelerada das sociedades, em que vigorara o Estado do Bem-Estar Social, sobremaneira desde a Segunda Guerra Mundial, que, em vista das sucessivas crises do capitalismo, cedeu lugar ao Estado Beligerante, a promover guerras intervencionistas e guerras de puro interesse de dominação econômica e tecnológica, ultrapassando as condicionantes dos direitos de guerra construídos na Modernidade. Sem olvidar a prática da violência estatal continuada, a violência aceita dado o caráter institucional e legal, tanto interna quanto externamente aos estados, contrária aos direitos civis, como crime de lesa humanidade, em milhares de ocorrências. O aspecto de oposição ao negativo da situação atual será o da construção de uma cultura da paz, para além da idealizada por Kant, que ao fim e ao cabo poderá redundar em arbítrio político e tirania universalizada. Para Weil será necessário atualizar a posição kantiana de base e superá-la, sem perder de vista o mote inicial dela, mas também cuidar para não necessariamente reproduzir alguns de seus fins. É outro o estatuto weiliano de paz, se não perpétua, a caminho da paz institucionalizada pela consolidação de interesses comuns universais. Por certo, Dante Alighieri, em *Monarchia*, ao sustentar a noção de um império mundial, leigo, como forma idealizada de ressurgimento da soberania do Império Romano, sem os riscos das causas internas para derrubá-lo nem as ameaças dos bárbaros, terá sido o antecessor a teorizar o tema do estado mundializado.
- 4 Se o primeiro ensaio de globalização ocorreu em Florença, ao tempo dos Medici, a meados do século XV, que redundou em processo de refeudalização ao final do mesmo século, aquilo que poderiam ter sido os lances iniciais de uma revolução burguesa, findou operado na forma de um retrocesso em termos de expansão do viés financeiro do nascente hiato do mercantilismo, em Itália. No entanto, a globalização iniciada na segunda metade do século passado, fortalecida pelo espírito da trilateral, união político-econômica dos Estados Unidos da América, Alemanha e Japão, ainda aos tempos da Guerra Fria, fora reforçada pela ideologia materializada do neoliberalismo, ensaiado inicialmente no Chile ao tempo do tirano Pinochet, em seguida proposto como pauta política por Margaret Thatcher, no Reino Unido. O neoliberalismo redesenha o encolhimento do Estado do Bem-Estar Social, pela redução dos benefícios sociais e dos direitos do trabalho, além de proceder a uma reengenharia de empresas a cortar cargos e salários, em vista de um estado mínimo, solvente forte de recursos destinados à educação, à saúde públicas, à moradia, à segurança e ao bem-estar, tão somente, ao passo de não mais colocar em questão os fins da sociedade política humana, mas, de modo calculado, somente os meios.

- 5 No livro, organizado por Perine e Costeski, a conceituação de globalização encontra-se perspectivada desde a obra *Filosofia Política*, de Eric Weil, datada de 1955, ao tempo do início da Guerra Fria, que se configura como um dos escritos basilares do Filósofo, que se encontra analisado pelos especialistas. Para além deste, outros escritos singulares do pensador são *Lógica da Filosofia* e *Philosophie et Réalité I*.
- 6 O livro em pauta divide-se em duas partes, complementares entre si: uma, relativa ao “desafio político da globalização” e, outra, ao “problema da educação e do sentido”. O mote da “ideia de uma teoria da mundialização”, em Weil, conjuga-se de modo crítico à violência institucional – e não institucional – com a questão da possibilidade de educação e de globalização, sob talhe de análise crítica profunda. Escritos por especialistas, os dezesseis capítulos são sumarentos, com muito fôlego teórico prospectivo, de aderência complexa aos desdobramentos problematizados de aspectos relativos ao Estado, sociedade, justiça, utopia, universalidade dos direitos, religião, relações internacionais, moral, educação, sujeito, democracia, linguagem, platônicos, sentido. Chama a atenção o capítulo final, “Platônicos, sem mito e sem deus”, de Marcelo Perine, que interroga pelo lugar de Platão e do platonismo na obra *Lógica da Filosofia*. Assim, a pluralidade e a abrangência de temas, com enfoques precisos e bem calibrados, tornam o livro um marco qualificado nos estudos weilianos no Brasil, como efeito de décadas de pesquisa da filosofia do Pensador, de par com o registro do Grupo de Trabalho Eric Weil, da ANPOF, que congrega os estudiosos em nível de pós-graduação.
- 7 Concluindo sem concluir, pois, haveria muito mais a escrever, *pensar grande* é o mote para a leitura do livro organizado por Perine e Costeski, a soerguer – do chão da miséria do debate político contemporâneo – categorias fundamentais para a compreensão do tempo presente. O livro em questão deve ser lido, pois é oportuníssimo, e dentre outras qualidades são relevantes as questões levantadas e encaminhadas acerca do estado mundializado, da violência e da premente educação do pensamento e, no limite, da sensibilidade do cidadão. O estado mundializado se transformou em globalizado para além do estado-nação, ao tempo presente, em que sob a onda neoliberal o estado transformou-se em *estado-empresa*, a encolher direitos fundamentais na linha do encurtamento dos benefícios sociais. Em movimento de fina análise, o livro catapulta o Leitor para as alturas dos universais nos campos da política e da ética, tão ausentes desde o fim do *ethos antigo*, como se fora um elo perdido a resgatar o debate acerca de categorias do pensar maiúsculo, em tempos de crise política e da novidade do poder do homem, advindo da ciência e da tecnologia, sem limite e sem controle. As mesmas forças aceleraram o modo de produção capitalista, a qual no presente mostra sua face mais cruel em vista das desigualdades sociais, econômicas, políticas, porém, sob a capa vitoriosa, se entendido como tal o cumprimento das premissas liberais: liberdade econômica; política e de expressão. O recado do livro aponta para o cumprimento de tais liberdades e a necessidade de reinvenção da liberdade, sem perder de vista as premissas cumpridas, porém, em outro patamar mais elevado, que inclua a paz contra a violência e consolide os direitos fundamentais – não só pela mera formalidade –, assegurando o direito de expressão em outras bases e liquidando com as agências de opinião pública, manipuladoras e antissociais, as agências de publicidade, a reforçar o consumo de mercadorias superimpostas pela escala de falsas necessidades, o fim da escravidão contemporânea e o advento do tempo livre, tempo de ócio como quebra da representação dos papéis sociais.

8 *À boa leitura!*

AUTHORS

ANTÔNIO JOSÉ ROMERA VALVERDE

Professor Titular do Departamento de Filosofia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da PUC-SP. valverde@pucsp.br